



COMENTÁRIO GERAL DOS PROFESSORES DO CURSO POSITIVO

VESTIBULAR UFPR 2009 (2ª FASE) – PROVA DE FILOSOFIA

Mais uma vez o Departamento de Filosofia da UFPR está de parabéns pela clareza, precisão e distribuição das questões referentes aos autores pedidos. Sentimo-nos realizados ao ver que nossos esforços em honrar este inteligente programa de obras propostos pela UFPR foram recompensados por uma prova que valorizou quem estudou com afinco e consistência. O que certamente foi o caso dos alunos do Curso Positivo.

O texto a seguir é referência para as questões 01, 02 e 03.

“Da Filosofia nada direi, senão que, vendo-a cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte, que seja duvidosa, eu não alimentava qualquer presunção de acertar mais do que os outros; e que, considerando quantas opiniões diversas, sustentadas por homens doutos, pode haver sobre uma e mesma matéria, sem que jamais possa existir mais que uma que seja verdadeira, reputava quase como falso tudo quanto era somente verossímil.

Depois, quanto às outras ciências, na medida em que tomavam seus princípios da Filosofia, julgava que nada de sólido se podia construir sobre fundamentos tão pouco firmes. E nem a honra, nem o ganho que elas prometem, eram suficientes para me incitar a aprendê-las... E enfim quanto às más doutrinas, pensava já conhecer o bastante o que valiam, para não mais estar exposto a ser enganado, nem pelas promessas de um alquimista, nem pelas predições de um astrólogo, nem pelas imposturas de um mágico, nem pelos artificios e arrogância de qualquer um dos que professam saber mais do que sabem.”

(Descartes, Discurso do Método, primeira parte.)

01 - A julgar por esse texto, qual era o objetivo de Descartes com o estudo da filosofia?

RESOLUÇÃO

O Objetivo de Descartes é mostrar a visão divergente que diferentes filósofos demonstram sobre um mesmo tema. Dessa forma, ele deixa claro a necessidade de se chegar a uma única verdade.

02 - Explique, com base nesse texto, por que Descartes via as teorias dos filósofos como “somente verossímeis” e “quase como falsas”.

RESOLUÇÃO

As divergências entre os grandes filósofos consagrados ao longo da história deixa evidente que os conhecimentos da filosofia não produziram verdades claras e indubitáveis, como é de se esperar de uma verdadeira ciência.

03 - Como se relacionam, na filosofia cartesiana, o exercício da dúvida e a obtenção da ciência?

RESOLUÇÃO

Para Descartes, a dúvida metódica permite a eliminação sistemática dos erros e dos dados prováveis para buscar estabelecer uma ciência fundada em conhecimentos seguros e confiáveis.

04 - “Mas, alguém inteligente, disse eu, estaria lembrado de que os olhos estão sujeitos a dois tipos de perturbações que ocorrem em dois momentos diferentes, isto é, quando eles passam da luz para a escuridão e da escuridão para a luz. Se pensasse que é isso mesmo que ocorre com a alma, quando visse uma alma perturbada e incapaz de enxergar algo, não ficaria rindo tola, mas procuraria ver se ela, vindo de um lugar muito luminoso, por falta de hábito se sente nas trevas ou se, indo de uma ignorância maior para uma clareza maior, ficou com a vista embaciada pelo fulgor muito brilhante e, por isso, a uma felicitar-se pelo que se tinha passado com ela e por sua vida, mas da outra teria piedade; se quisesse rir-se desta, seu riso teria menos de irrisão do que se risse da que chega, deixando a luz lá do alto.”

(PLATÃO, A República, Livro VII.)

a) Qual é a comparação feita entre alma e olhos por Platão nessa passagem?

RESOLUÇÃO

Nessa passagem, Platão compara as dificuldades visuais que o olho enfrenta na passagem de lugares iluminados para lugares sombrios com as dificuldades que a própria alma enfrenta quando possuidora de grande conhecimento tem que se defrontar com a ignorância. Assim, o olho tem dificuldade de se orientar em lugares sombrios da mesma forma como a alma, que teve acesso ao conhecimento, tem dificuldades de se fazer entender por aqueles que são ignorantes.

b) Segundo Platão, qual é a situação da alma que alguém inteligente felicitar-se? Por qual razão?

RESOLUÇÃO

Alguém inteligente felicitar-se, segundo Platão, aquela alma que veio de um lugar luminoso para as trevas, uma vez que essa alma veio de regiões de grande conhecimento para libertar da ignorância aqueles que vivem na escuridão.

O texto a seguir é referência para as questões 05 e 06.

“Sendo, portanto, um príncipe obrigado a bem servir-se da natureza da besta, deve dela tirar as qualidades da raposa e do leão, pois este não tem defesa alguma contra os laços, e a raposa, contra os lobos. Precisa, pois, ser raposa para conhecer os laços e leão para aterrorizar os lobos. Os que se fizerem unicamente de leões não serão bem sucedidos. Por isso um príncipe prudente não pode nem deve guardar a palavra dada quando isso se lhe torne prejudicial e quando as causas que o determinaram cessem de existir. Se os homens todos fossem bons, este preceito seria mau. Mas dado que são pérfidos e que não a observariam a teu respeito, também não és obrigado a cumpri-la para com eles.”

(Maquiavel, O Príncipe. In *Os Pensadores*, Ed. Abril, São Paulo, 1973, p. 80.)

05 - Por que, segundo a passagem acima, um príncipe deve cultivar as qualidades do leão e da raposa?

RESOLUÇÃO

O leão representa a força que o príncipe deve ter. A raposa, por sua vez, representa a astúcia que o príncipe deve imprimir às suas ações. Assim, o príncipe deve agir com a força de um leão e a astúcia de uma raposa.

06 - Por que é prudente para um príncipe não manter sua palavra? Em que condições e por que ele pode fazer isso?

RESOLUÇÃO

Não é prudente para um príncipe manter sua palavra, uma vez que as situações históricas podem mudar de um momento para o outro. Assim, a palavra assumida em dada situação pode não ser conveniente em outra. Compete, portanto, à virtú do príncipe saber conduzir sua palavra de acordo com os interesses da manutenção do poder.

07 - “As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós [...] Nossa relação com as coisas não é uma relação distante, cada uma fala ao nosso corpo e à nossa vida, elas estão revestidas de características humanas (dóceis, doces, hostis, resistentes) e, inversamente, vivem em nós como tantos emblemas das condutas que amamos ou detestamos.”

(Merleau-Ponty, *Conversas - 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 23–24.)

Com base na citação acima e em outras informações presentes nessa obra, explique a oposição feita por Merleau-Ponty entre “coisa” e “objeto”.

RESOLUÇÃO

A oposição entre “coisa” e “objeto”, segundo Merleau-Ponty, se dá na relação de subjetividade e objetividade que se procura no mundo. Para ele, as “coisas” se constituem na relação subjetiva, emocional, perceptiva que mantemos com a realidade. Já o “objeto” se dá na análise científica que busca o maior grau de objetividade possível, como se sujeito e objeto vivessem em mundos diferentes.

O texto a seguir é referência para as questões 08 e 09.

“A ciência clássica baseia-se numa distinção clara entre espaço e mundo físico. O espaço é o meio homogêneo onde as coisas estão distribuídas segundo três dimensões e onde elas conservam sua identidade, a despeito de todas as mudanças de lugar.”

(Merleau-Ponty, *Conversas - 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 10.)

“Tudo muda quando, com as geometrias ditas não euclidianas, chega-se a conceber como que uma curvatura própria do espaço, uma alteração das coisas devida apenas ao seu deslocamento (...) Temos um mundo em que os objetos não conseguiriam estar em identidade absoluta com eles mesmos, onde forma e conteúdo estão como que baralhados e mesclados (...) Torna-se impossível distinguir rigorosamente o espaço das coisas no espaço.”

(Merleau-Ponty, *Conversas - 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 11.)

08 - Compare os dois trechos acima, considerando a relação estabelecida pelo autor entre *espaço* e *coisa no espaço*.

RESOLUÇÃO

No primeiro trecho, Merleau-Ponty apresenta a concepção clássica da ciência que entende o espaço de forma distinta do objeto. No segundo trecho, ele apresenta a mudança nessa concepção introduzida pelas novas geometrias e pela teoria da relatividade. Nessa nova concepção, diferente da visão clássica, objeto e espaço não são distintos. Há uma continuidade onde matéria e espaço influenciam-se reciprocamente a ponto de não ser possível concebê-los um independente do outro. As novas geometrias transformaram a concepção do mundo. As coisas não estão soltas em um espaço independente; pelo contrário, as coisas e o espaço são partes de um único fenômeno.

- 09 - Explique a conclusão de Merleau-Ponty de que a nova idéia de identidade da coisa impõe à ciência uma “tarefa interminável” (Merleau-Ponty, *Conversas*, p. 7).

RESOLUÇÃO

A nova idéia de identidade da coisa apresentada por Merleau-Ponty propõe que as coisas se dão na relação que apresentam com o sujeito que observa. Assim, uma vez que a análise científica procura entender as coisas como objetos em si mesmos, ela teria de buscar explicar o significado de cada objeto para cada sujeito que o percebe. Nesse sentido, portanto, a nova idéia de identidade da coisa impõe à ciência uma “tarefa interminável”.

- 10 - “Para este esclarecimento, porém, nada mais se exige senão *liberdade*. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um *uso público* de sua razão em todas as questões. (...) Que limitação, porém, impede o esclarecimento? Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: o *uso público* de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento entre os homens. O *uso privado* da razão pode, porém, muitas vezes ser muito estreitamente limitado, sem contudo por isso impedir notavelmente o progresso do esclarecimento. Entendo contudo sob o nome de uso público de sua própria razão aquele que qualquer homem, enquanto *sábio*, faz dela diante do grande público do *mundo letrado*. Denomino uso privado aquele que o sábio pode fazer de sua razão em um certo *cargo público* ou função a ele confiado. Ora, para muitas profissões que se exercem no interesse da comunidade, é necessário um certo mecanismo, em virtude do qual alguns membros da comunidade devem comportar-se de modo exclusivamente passivo para serem conduzidos pelo governo, mediante uma unanimidade artificial, para finalidades públicas, ou pelo menos devem ser contidos para não destruir essa finalidade. Em casos tais, não é sem dúvida permitido raciocinar, mas deve-se obedecer. Na medida, porém, em que esta parte da máquina se considera ao mesmo tempo membro de uma comunidade total, chegando até à sociedade constituída pelos cidadãos de todo o mundo, portanto na qualidade de sábio que se dirige a um público, por meio de obras escritas de acordo com seu próprio entendimento, pode certamente raciocinar, sem que por isso sofram os negócios a que ele está sujeito em parte como membro passivo. Assim, seria muito prejudicial se um oficial, a quem seu superior desse uma ordem, quisesse pôr-se a raciocinar em voz alta no serviço a respeito da conveniência ou da utilidade dessa ordem. Deve obedecer. Mas, razoavelmente, não se lhe pode impedir, enquanto homem versado no assunto, fazer observações sobre os erros no serviço militar, e expor essas observações ao público, para que as julgue. (...) Do mesmo modo também o sacerdote está obrigado a fazer seu sermão aos discípulos do catecismo ou à comunidade, de conformidade com o credo da Igreja a que serve, pois foi admitido com esta condição. Mas, enquanto sábio, tem completa liberdade, e até mesmo o dever, de dar conhecimento ao público de todas as suas idéias, cuidadosamente examinadas e bem-intencionadas, sobre o que há de errôneo naquele credo, e expor suas propostas no sentido da melhor instituição da essência da religião e da Igreja. (...) Por conseguinte, o uso que um professor empregado faz de sua razão diante de sua comunidade é unicamente um *uso privado*, porque é sempre um uso doméstico, por grande que seja a assembléia. Com relação a esse uso ele, enquanto padre, não é livre nem tem o direito de sê-lo, porque executa uma incumbência estranha. Já como sábio, ao contrário, que por meio de suas obras fala para o verdadeiro público, isto é, o mundo, o sacerdote, no *uso público* de sua razão, goza de ilimitada liberdade de fazer uso de sua razão e de falar em seu próprio nome.”

(KANT, I. “Resposta à pergunta: Que é ‘Esclarecimento’?”.)

Como Kant concilia liberdade e obediência a regras na passagem acima?

RESOLUÇÃO

Na medida em que, face ao exercício de uma função, um sábio deve “suspender sua razão”; o que não se contradiz com a necessidade da crítica já que esta deve ser exercida perante o grande público letrado, isto é, o que Kant denomina de uso público da razão. Não há, segundo o autor, contradição do sábio na medida em que as duas atitudes – crítica e suspensão da razão – dão-se em ambientes distintos, sem que uma interfira na outra. O que impede o avanço do esclarecimento é a falta de liberdade que permita o uso público da razão.